



COLETIVO DE ARTE E LINGUAGENS COM MULHERES DA EJA: DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO ACERCA DO EMPODERAMENTO FEMININO

Maria Rosana Silva Araújo¹

Maria Josiane Martins Ribeiro²

Juliana Geórgia Gonçalves De Araújo³

RESUMO

O presente trabalho é sobre o empreendedorismo feminino e os aspectos sustentáveis na implementação do coletivo de artes e linguagens com o macramê, artesanato feito à mão. A formação do coletivo se deu a partir do curso de Artes e Linguagens ocorrido no Centro Educacional Donaninha Arruda (CEJA) em parceria com a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). No mais, com o incentivo do curso citado o "Coletivo Interlaços" foi formado por mulheres da cidade de Baturité-Ceará. Nosso objetivo foi de promover a interação e inserção de mulheres no espaço educacional como uma tecnologia social. A metodologia adotada para a realização das ações teve um ciclo definido de escolha de tema, planejamento das atividades, discussões sobre: empoderamento feminino, sustentabilidade, empreendedorismo, entre outros, e a produção do macramê. A pesquisa-ação possibilitou uma proposta de oficinas de leitura crítica em uma perspectiva decolonial para a promoção do empoderamento feminino. E para as discussões dentro do grupo foi utilizado um embasamento teórico de autores como: bell hooks (2020) e Freire (1996) no que tange discussões sobre ensino e sala de aula e Crenshaw (2002) elucidando sobre interseccionalidade dentre outras autorias que auxiliam na didática do curso. O resultado findou na formação do coletivo, bem como na inserção de mulheres no espaço escolar e também na atuação das artesãs no mercado de trabalho.

Palavras-chave: EJA; COLETIVO; Arte; Linguagens.

Centro de Educação de Jovens e Adultos Donaninha Arruda-CEJA, Linguagens, Discente, mariaarosanaa2023@gmail.com¹
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Instituto de Linguagens e Literaturas - ILL, Discente, josianemartins98@gmail.com²
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Instituto de Linguagens e Literaturas - ILL, Docente, jgeorgia.araujo@unilab.edu.br³



INTRODUÇÃO

Advindo da carência de ambientes nos quais estimulem a inserção e valorização de mulheridades em espaços de poderes, bem como de discussões estimuladoras de consciência crítica que o curso de Arte e Linguagens ocorreu no Centro Educacional Donaninha Arruda, na cidade de Baturité-Ceará. O grupo “Coletivo Interlaços” foi criado e nomeado de forma insurgente visando a parceria de mulheres no protagonismo empreendedor. Nesse contexto, esta pesquisa se insere com o objetivo de relatar os desafios e resultados do curso de artes e linguagens que foi pautado em diálogos sobre a promoção do empreendedorismo feminino e implementação de um coletivo de artes e linguagens. A prática de trazer a Linguagem e a Arte para dialogar a interseccionalidade de raça, classe, faixa etária, gênero, territorialidade entre outros marcadores, no contexto da Educação de Jovens e Adultos, com mulheres que foram historicamente silenciadas se deu na colaboração e construção de debates sobre conquistas, lutas e resistências a partir do macramê, artesanato com nós feito à mão. A ação de debater para refletir em coletividade os atravessamentos interseccionais das participantes do curso gerou a ampliação da consciência crítica na EJA, o que é de extrema importância, pois, como bem destaca Freire (2014, p.33) “somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua “convivência” com o regime opressor”. No mais, ao compreender as trajetórias escolares de mulheres da EJA, das interseccionalidades que cruzam a vida de cada participante, corroborou com o trabalho de reflexão e coletividade sobre as dificuldades frente aos diferentes contextos, e principalmente em pensar estratégias de permanência e empoderamento. Nesse viés, considerando o contexto de exclusão ao qual elas foram submetidas, que passamos a refletir suas histórias e como podem ser ressignificadas; para tanto, o curso com Arte e Linguagem com perspectiva decolonial se apresentou como uma colaboração em alertar outras mulheres, com histórias diferentes ou parecidas, a se reconhecerem através desses itinerários e, a partir de suas vozes ouvidas, conheçam ou permaneçam a protagonizar sua própria história.

METODOLOGIA

Quanto aos procedimentos metodológicos do trabalho, optamos pela pesquisa-ação por considerarmos que a presente pesquisa é concebida e realizada em estreita associação com uma ação e com a resolução de um problema coletivo, bem como pesquisadoras e participantes representativas da ação estão envolvidas de modo participativo. Ou seja, a pesquisa-ação acontece quando há interesse coletivo na resolução de um problema ou suprimento de uma necessidade. Segundo Prodanov e Freitas (2013), a pesquisa-ação também é considerada uma forma de engajamento sociopolítico a serviço da causa das classes populares, quando voltada para uma orientação de ação emancipatória e de grupos sociais que pertencem às classes populares e dominadas. É de abordagem qualitativa, pois de acordo com Minayo (1994), pesquisas qualitativas preocupam-se com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. O que se enquadra no contexto aqui apresentado por ser um trabalho vivenciado no cotidiano escolar, com pessoas que compartilharam de conhecimentos e experiências. Possui caráter descritivo, partindo do viés dos diálogos das entrevistas semiestruturadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO



O coletivo formado através do curso contou com a participação de sete estudantes do CEJA, três formadoras estudantes, e uma professora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), contabilizando no total: onze integrantes. As participantes do curso foram selecionadas a partir de uma ficha de inscrição realizada pela coordenação do CEJA, as vagas foram distribuídas entre moradoras de comunidades periféricas próximas à escola e alunas da escola. Cada encontro do coletivo foi planejado por volta de uma temática para ser discutida em roda e refletida criticamente entre as participantes, as dinâmicas e atividades com arte do artesanato macramê e a linguagem das temáticas trazidas norteavam a comunicação no grupo numas perspectivas decolonial. Pois era levado em consideração discussões sobre a decolonização do ser, decolonização do poder e decolonização do saber, apontados nos compartilhamentos de experiências das participantes. E assim, realizávamos leituras críticas, através de um olhar observador de como as conversas sobre interseccionalidade cruzam a vida de cada uma; Sempre explicitado a importância de um olhar para história e demandas de acordo com a realidade e intersecção de cada pessoa, e o quanto a decolonização, na prática, surge para refletirmos também as invisibilidades de grupos minoritários. O histórico das participantes do coletivo Interlaços diz respeito a mulheres que retomaram para sala de aula em busca de aprender algo novo, como o artesanato com macramê. A partir da vivência em coletividade dentro do curso supracitado foi possível refletir sobre como as artesãs se engajaram na prática de envolvimento interdisciplinar da Arte e Linguagem, público que, embora inseridas em uma cultura sexista de desigualdades, se tornaram participantes ativas no processo educacional, enfrentando obstáculos para o acesso e permanência no espaço escolar e na cidade que vivem. Nesse viés, em conversa fluida de entrevista foi instigada a pergunta a respeito da identificação de alguma realização pessoal vinda da experiência com o curso. Tão logo a participante I. F.de L. comenta: “Eu percebo que eu estou me sentindo uma mulher mais empoderada, né!? E também com a autoestima bem mais elevada, coisa que eu não tinha. Era tímida. Hoje eu já consegui me expressar com algo que eu sinto. E a minha primeira bolsa que eu vendi foi uma conquista, eu fiquei muito feliz, né!? Aí já paguei hoje as minhas cordas, viu!? Minha primeira bolsa. E é isso. (I. F.de L. 46 anos)”. Quando I.F.de L. traz o empoderamento no diálogo ecoa em reflexões sobre estímulo da consciência crítica que autoras como Vigano e Laffin (2016, p.17) destacam sobre o quanto empoderar mulheres significa promover a equidade de gênero em todas as atividades sociais e esse processo ocorre quando são realizadas desconstruções provenientes da reflexão crítica na aprendizagem educacional. As participantes frisam, por exemplo, sobre a consciência do progresso das discussões e da prática com o artesanato e a falta de apoio de políticas públicas da cidade para com espaços destinados a artesãs, principalmente referente ao coletivo de mulheres, M. de F. G. de L. e I. F. de L. compartilham:

A gente pensa em fazer e vender bastante. Só que a gente tem que ter um espaço para poder a gente trabalhar. É uma coisa que a cidade não está tendo, esses espaços. Tipo com o Macramê, né!? Os outros artesãos até que eles estão dando o espaço, mas pra gente tá sendo um meio fechado. E a gente quer caminhos abertos, liberdade, pra vender nosso trabalho. (...) Nem que a gente tenha que virar os políticos pelo avesso. (M.de F.G.de L., 59 anos)

Eu acho também que a união faz a força, faz toda a diferença. Eu acho que o coletivo unido, juntas. Eu acho que não tem quem segura a gente. É isso. Vamos ser as vendedoras mais incríveis que já existiu aqui no Macramê. Vamos ser bem ousadas. (I. F.de L. 46 anos)

A fala das integrantes é, sem dúvida, um ato de empoderamento coletivo entre nós, quando pontuado “não



tem quem segura a gente” a artesã demonstra um posicionamento de empoderamento não só individual, mas principalmente reforça uma fala de coletividade e resistência. A construção do coletivo verbera atualmente na participação das integrantes em eventos no maciço de Baturité bem como aproximaram as mulheres do CEJA a se integrarem em atividades na UNILAB.

CONCLUSÕES

A movimentação e a presença assídua das integrantes do coletivo interlaços em eventos, exposições e feiras no maciço de Baturité foi de grande importância no engajamento e na prática de empoderamento feminino. Por ser um público que embora, inseridas em uma cultura sexista de desigualdades, se tornaram participantes ativas no processo educacional, enfrentando obstáculos para o acesso e permanência no espaço escolar e na cidade em que vivem. Quanto a mudanças diárias também surgiram novas práticas, como por exemplo, a comunicação presencial e virtual a partir da promoção de peças do macramê, ou da prática de escrita em nomear as peças. Podemos destacar também que os empecilhos foram presentes durante todo o trabalho, obstante ao interesse público em investir no curso cedendo espaços para uma abrangência maior de participantes, contudo, pudemos contar com o ambiente do CEJA, e a partir desse lugar chegamos no público que formou o Interlaços.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento da pesquisa intitulada Empreendedorismo Feminino e os Aspectos Sustentáveis para a Implementação de um Coletivo de Artes e executada entre 01/01/2022 a 31/08/2022, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) e Tecnológica (Pibiti), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira- UNILAB. Agradecemos também ao Coletivo Interlaços pela parceria e integração na promoção do empreendedorismo feminino.

REFERÊNCIAS

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da distinção racial em relação ao gênero. Revista **Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, pág. 175, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

Prodanov, Cleber Cristiano. Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico / Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

HOOKS, bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática** Tradução Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

MINAYO, M.C.S. (1994). **O desafio do conhecimento científico: Pesquisa Qualitativa em Saúde** (2a edição). SP-RJ: Hucitec-Abrasco.



VIGANO, Samira de Moraes Maia. LAFFIN; Maria Hermínia Lages Fernandes. A Educação de jovens e Adultos como um espaço de empoderamento das mulheres. Rev. **Eja em debate**. Edição: Ano 5; n7;2016. Disponível em: <https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/EJA/article/view/2105>; Acesso em: 06 de out de 2023.